

A Ortiga.

Sou erva bem conhecida,
Nas folhas trago a peçonha
Capaz de tornar vermelha
A cara mais sem vergonha.

Publica-se, por ora, indeterminadamente, e vende-se nas lojas dos Srs. Laemmert, rua da Quitanda n. 77, rua do Ouvidor n. 152, d'Ajuda n. 23, e na praça da Constituição n. 44, e 64, escriptorio da typographia Imparcial de Brito, impressor e edictor deste jornal.

O HOMEM DO SECULO.

• Le premier devoir d'un prince est de
• vouloir ce que veut le peuple: C'est en
• vain que les vieilles aristocraties multi-
• plieront leurs efforts pour s'opposer que
• la régénération moderne s'accomplisse!

Napoleão em St. Helena.

(Continuado do n. 4).

Terminemos agora o nosso artigo com a celebre *Moção* do Sr. Senador *Lopes Gamã*. Na abertura da presente sessão do corpo Legislativo, o Regente do Imperio no discurso do Throno congratulou-se com os Representantes da Nação, assegurando-lhes que, á excepção da Provincia de S. Pedro do Rio Grande do Sul, — hum espirito de ordem e amor ás instituições do paiz se observa por toda parte. Na discussão da resposta á Bolla do Throno, a opposição procurou por todos os meios que lhe forneceo a Eloquencia, provar que os Ministros, que haviam atirado as pastas aos pés do Regente, nas vespas da reunião dos escolhidos do povo, o haviam illudido, compromettendo-o com a Nação, que sentia-se por toda parte, perturbada pelo espirito, não de ordem, nem de desordem, mas das trevas, que a veio agitar com o *Regresso*, pondo em alarma todos os Brasileiros, que tem coração, e que sabem amar

sua Patria. Ainda quatro mezes se não tinham decorrido, e sem que novas desordens viessem desorientar o Governo; hum Senador, da intima privança do Regente, aquelle mesmo, cuja escolha tanto despeitou o Gabinete de 19 de Setembro, que o arrojou ao excesso de demittir-se, sem dar nenhuma satisfação á maioria do Corpo Legislativo, que n'ello havia depositado tanta confiança, que jamais Gabinete algum, se ufanou de obter, concedendo-lhe sommas enormissimas, e forças alem das que pedira; aquelle mesmo que sustentou no Senado as expressões do Throno — *hum espirito se observa por toda parte* — contra os illustres oradores da opposição; he o que apresenta na Camara, á que pertence, huma *moção* para se nomear huma commissão de *Salvação Publica* para descobrir os meios de apagar as desordens, que formigam por todo o imperio!!

O throno disse, que hum espirito de ordem se observava em todo o Brasil, á excepção do Rio Grande do Sul: os Ministros nos seus relatorios acompanharam o Regente nos mesmos sentimentos ou crença; avançando o ex-Ministro da Guerra, que á vista das boas disposições em que deixara o exercito do Sul, e da miseria, indisciplina e anarchia que reinavam no exercito rebel-

de, composto de negros nus e descalços; elle podia asseverar á camara dos deputados, que dentro em pouco tempo a paz e a concordia voltariam ao seio das familias, que tanto tem soffrido por causa da rebelião: o governo posto em silencio até agora, não tem manifestado ao corpo legislativo, que a anarchia tenha apparecido de modo, que para abafal-a, fállecem os meios que lhe facultam as leis do Imperio; nenhuma proposta em tal sentido tem apparecido, e, entretanto, hum homem da privança do Regente, na sua Camara proclama ao paiz, que o Regente não tem assás vigor para dirigir o ministerio; que este trahe a sua confiança, e na impotencia de o demittir, recorre a elle pedindo-lhe que faça o que o governo não tem feito. *Reina este espirito de ordem*, que o Regente em seo discurso manifesta á nação; ou não reina? Se reina: para que esse manifesto que se faz ao paiz da incapacidade do Regente? Se não reina: por que razão não se apresentam com franqueza, e lealdade á nação, e não expõem ao corpo legislativo o estado verdadeiro do paiz, e não lhe pedem as medidas, que julgam necessarias para abafar as dosordens? Para que procuram comprometter os representantes da nação, buscando por meios occultos a força, que não tem coragem de pedir? Por que razão não procura o governo apoiar-se na força do paiz? O governo he como o piloto de hum navio; o estado, que he o navio, he levado sobre as ondas, que são o povo: o piloto deve salvar o navio, e não se deve jamais separar d'elle: sua marcha, sua manobra deve variar, como o tempo, e seguir todos os movimentos das ondas, que elle domina, mas que o podem submergir. A historia nos mostra que os reis tem perecido, ou se tem conservado pela *parte forte* de seo tempo. A rainha Buchaut pereceo por ter começado mui cedo a obra de Luiz XI,

o abatimento dos Senhores. Clotaire foi obrigado não só a abandonar sua avô, como á denuncial-a aos Senhores, que eram de tal sorte a *parte forte* de seo tempo, que podiam destroni-ar os reis, e despojar a igreja impunemente,

Da segunda raça dos reis de França, eram os bispos a *parte forte*. Tambem por não terem sabido colligar-se com elles, foram os descendentes de Carlos Magno por elles depostos.

Francisco I e Henrique IV, se diziam os *primeiros fidalgos de seo reino* e esta phrase, que perderia para sempre a Luiz XVI, lhes aproveitou maravilhosamente, porque estes reis embaraçados em guerras desgraçadas, não podiam reinar, senão pela nobreza, que era a *parte forte*, e que dominava nos exercitos e no resto da Europa por esse espirito de cavalleria, que não existe mais.

Luiz XIII e sobre tudo Luiz XIV, tendo reunido todos os poderes, e dando á seo povo a brilhante e custosa distracção das victories e das grandes emprezas, não deixáram de governar pela *parte forte* de seo tempo: isto he, a nobreza, e a igreja reunidas.

O dinheiro tendo enfim igualado tudo, porque tudo corria atraz d'elle; Luiz XV viveo negligentemente das migalhas da meza de Luiz XIV; e o que d'ellas restava, não pôde conduzir á Luiz XVI ao decimo quinto anno de seo reinado. Nesta epoca os espiritos não esperavam, senão hum pretexto para mover-se: o medo da banca-rotta o forneceo, e forçou os estados geraes. Desd'esse momento houve trespasse de soberania. Quatro facções inimigas se deram as mãos para fazerem huma revolução! Jansenistas, protestantes, capitalistas, e a turba dos philosophos, e ralhadores colligaram-se para destruir primeiro a nobreza, e a Religião, depois a realleza e o reino.

O desgraçado Luiz XVI, se tivesse renunciado o appoio da igreja ou da nobreza para reinar pela *parte forte*, que

n'essa época era os estados geraes, sustentado pelas maximas populares; não teria expiado no cadafalso os crimes de seos antepassados, e de seos indecisos ministros. Quando hum appoio do governo está podre, he preciso que elle escolha outro. Os nobres e os padres nada podiam fazer pela realza, pois que elles nada podiam para si. O Rei não podia pois appoiar-se sobre elles sem cahir com elles. Em tudo hum Rei ou Regente, que politicamente fallando he o mesmo, não deve jamais ir de encontro ao espirito publico dominante de seo seculo; quando elle pode reinar por este espirito com hum pouco de habilidade. Ora, hoje he o raciocinio que domina: as armas mesmo tem cedido aos raciocinios bons ou máos... Hum rei não he nem padre, nem bispo, nem fidalgo, nem povo: elle he rei, e todas as formas monarchicas são seos meios. No Brasil agora o Imperador, ou quem suas vezes fizer, não pode governar o estado, senão por meios populares; porem elle o pode com huma força e huma felicidade proporcionadas á habilidade de seos ministros.

Napoleão creio, que a *parte forte* eram as armas e as conquistas; porem enganou-se.

Estude pois o governo as tendencias do paiz, procure a *parte forte*, identifique-se com ella, e achará os meios de manter-se no posto, e fazer a felicidade da nação. Entretanto se elle se illude, que o descontentamento do povo provem do desamor á forma de governo, que adoptámos; se acredita, que a demoralisação, que grassa como a peste do Oriente, he o fructo da liberdade; se pensa que os meios de fazer desaparecer esse espirito de desordem, que reina por toda parte, e que pareceo ao Regente (quando abriu a sessão da Assembleia geral) que era espirito de ordem; he pregar o regresso, a legitimidade, e com elles a restauração das ideas velhas: então... ai da monarchia, ai

dos regressistas e legitimistas! Hoje tudo quanto he sahir fora da constituição tal e qual está reformada, com as devidas explicações, que lhe dão os verdadeiros reformadores, os amigos das instituições populares; he anarchisar o paiz e precipitar com elle a monarchia. Se por fatalidade tal desgraça acontecer os verdadeiros monarchistas, e por tanto amigos sinceros de seo paiz, vendo o imperio da anarchia destruindo tudo, dirão — *Eis a obra de dous homens, que no principio de sua carreira politica pregaram hum a legitimidade, e outro a republica, e hoje se deram as mãos para destruir o pacto social, que nos unia, com intento occulto (cada hum d'elles) de chegar pela desordem ou á Realza pura, ou á Democracia.* »

Depois de tantas e tão aturadas contendas; depois de immensas e infructiferas combinações, acha-se o gabinete ministerial em fim organizado, e ao nosso ver com dignidade do eleitor dos ministros, que não quiz transigir com exigencias disparatadas, e com satisfação geral, por se conhecer que o ministerio tal qual se acha he capaz de alguma cousa, e que seguramente hade curar com profunda meditação dos males do paiz. Para preencher a pasta do imperio está nomeado o Sr. Desembargador Galvão, pessoa de confiança, de illustração, e em quem não falta patriotismo. O Sr. deputado Ramiro, he o ministro da justiça; este Sr. bem conhecido pela sua vida parlamentar, muito nos convem na crise em que nos achamos. Para finanças he nomeado o Sr. Alves Branco, que tendo ja por duas vezes sido ministro, bem ao facto estará dos negocios da sua repartição. Finalmente para a repartição dos negocios estrangeiros foi escolhido o Sr. Caetano Maria Lopes Gama.

Sem offendermos o melindre dos outros ministros, asseveramos que seme-

Essa escolha foi muito assisada. A repartição dos estrangeiros, que á primeira vista parecerá de pouca monta, hoje he sem duvida hum das mais difficéis a preencher. Para bem desempenhar o cargo de ministro dos estrangeiros necessitava-se de hum homem de saber, de probidade, de honra, de bastante firmeza, e que em muita valia tivesse a dignidade nacional, menosprezada ja por bastantes vezes por potencias que se dizem amigas: esse homem appareceo: o Sr. Lopes Gama possui todos os quesitos necessarios. Bem conhecido na sua não muito longa, mas bastante aturada vida publica, corresponderá sem duvida á confiança que o publico desta capital de ha muito nelle tem depositado. Seos ultimos feitos no senado, o interesse que tem tomado pelo bem do paiz, o desgosto que tem soffrido pelas calamidades publicas, são seguramente os mais fortes garantos, do bom desempenho da sua administração. Sem caprichos, sem pertinacia harmonisará sua vontade com as de seos dignos collegas; e solidario o ministerio, ao menos quando mais não possa ser, suavizará as nossas desgraças. Queira a providencia divina ajudar a hum gabinete organizado pelos conselhos da prudencia, e justiça, e de quem o Brasil tantos bens espera. ***

— Sahimos finalmente do embaraço em que ha quatro mezes nos havia posto o *provisorio*. Ainda que o gabinete da maneira que se acha organizado não satisfaz a espectação publica, em face dos embaraços que entorpecem a marcha da nossa politica, e das nossas finanças; todavia vê-se que difficil foi ao Regente forma-lo de outro modo; e pode-se até mesmo dizer, que, a não serem antigas sympathias, alguns dos ministros actuaes teriam de certo recusado a pasta, que pode-se tomar hoje entre nós como a boca de Pandora. Em fim seja o que for. A presença do Sr. Galvão no gabinete deve mais que

muito influir para que os negocios do paiz tenham outro melhor andamento, que não até aqui. Não he todavia somente a causa publica a que reclama a attenção e a energia do gabinete: os differentes negocios de immensos particulares, que mais de humavez tem visto ministros da corôa negarem-lhe justiça, confessando o receio de se comprometterem, são coisas que muito influem para que logo se possa formar hum juizo claro respeito ás intenções do governo, e d'ahi a força moral, que se lhe presta ou se lhe nega, segundo a justiça com que desde logo elle busca coroar seos actos. Não queremos aventar juizos á respeito da entrada do Sr. Lopes Gama, quando ha pouco S. Ex. parecia entender que impossivel fôra governar o Brazil com as leis existentes; S. Ex. tendo melhor contemplado a indole do povo, cujos negocios vai administrar, e talvez melhor pesado as circumstancias do paiz com aquella honradez, patriotismo, e prudencia que assás o distinguem, resolvido estará a fazer sacrificios os mais penosos para ganhar hum timbre de gloria no mesmo campo onde tantos campeões o tem perdido. Desejamos que aproveitando experiencias, S. Ex. faça ao paiz aquelles beneficios de que mais necessitamos. Restando-nos apenas o Sr. deputado Ramiro, nado temos por ora que dizer-lhe. Temos bem presentes os seos discursos, a sua maneira de portar-se na Camara, e por isto, e pelo que sabemos de S. Ex. na Bahia, aguardamos os seos actos para expendermos nossa humilde opinião. Certo não terá sido unicamente o desejo de ter hum pasta, o que induziria este Sr. Deputado a fazer parte do gabinete; pois S. Ex. deve mui bem ter conhecido que ardua e espinhosa he a tarefa de que se encarregou na presente crise; e nós fazemos votos para que plano se lhe apresente o terreno porque tem de marchar, e facil lhe seja vencer as montanhas que se lhe hão de oppôr, não de

soberba, e de orgulho, mas de ignorância, de caprichos, e de depravações!!

Carioca.

ORTIGADAS.

FAZER A CORTE AOS HOMENS DE CÔR.

Na sessão de 17 do passado, quando o Sr. Antonio Carlos, tomando a palavra para combatter a idéa da *dictadura* no Brasil, e quando o bravo orador com a força de sua dialectica, na offervescencia d'aquelle enthusiasmo sobre e sublime, que sempre o torna distincto e recommendavel, lamentando o estado de conflagração em que se acha o Brasil, se exprimia, respeito á representação da Bahia nestes termos: — « eu não temo a escravatura; he massa inerte, incapaz de mover-se, porque não tem quem os capitaneê; mas si entre a gente de côr, que he entre nós muito illustrada e tem sido loucamente offendida, apparecer algum Catilina, que se apresente para dirigir-lhes os braços, então si de nós... ai da Bahia!... » ouviu-se (oh, com magoa o dizemos) que hum Sr. deputado pela nossa provincia, o pacifico e maifadado Rio de Janeiro, irriçando os cabellos, suspendendo-se sobre os braços, voltando-se para hum lado, falto de animo e de energia para enunciar-se, alto e bom som, que menos presa a gente de côr, enchendo as obesas bochechas, disse, referindo-se ao Sr. Antonio Carlos — *está louco! está louco!* — isto de hum modo, que ouviram os que o cercavam. E depois voltando-se para os Srs. João Candido, e Vieira (do Maranhão), ex-ministro do Imperio, disse mais: — *isto he do homem que faz a corte á gente de côr!* —

Si esse Sr. não fôra hum representante da nação brasileira, que he composta de classes diversas, e por cujos votos S. S. a representa; si não fôra

brasileiro, mais recommendavel por seus cabellos ja hum tanto encanecidos do que por sua instrucção; si não fôra assás reconhecido por sua pusilanimidade; si o julgássemos com a capacidade e energia sufficientes para sustentar em pleno recinto, mesmo sob a egide da inviolabilidade, isso que baixamente avançou, mas que foi ouvido e logo reprovado; nós lhe fariamos sentir neste momento com a gravidade do estilo que sustentamos, tudo o de que S. S. se tornou capaz pela mesquinhez de semelhantes idéas, quando, hoje mais que nunca, precisamos de união, de paz, e de confraternidade; idéas ja por mais de huma vez entre nós apresentadas, mas combatidas, e nunca sustentadas; por que, para isso, fôra mister rasgar a pagina da constituição do imperio em que se lê o artigo, que, nivellando todos os cidadãos brasileiros, não concede outra differença mais do que talentos e virtude. Porem, nem esse Sr. se pode autorisar dessa regalia da lei suprema, á quem S. S. deve como legislador obedecer, e respeitar, porque ninguem reconhece em S. S. a transcendencia de subidos talentos, nem o quilate de suas virtudes sobrepuja hoje ao de immensos homens de côr, tão dignos como S. S. do respeito e da consideração que se deve ao homem, cuja vida não se acha manchada de vicios e de crimes....

Cumpre-nos todavia interpellar a S. S. sobre essa chamma de sentimentos occultos, de que deixou escapar claras sentelhas, no valor das frases: — *isto he do homem que faz a corte á gente de côr.*

Concedamos que o Sr. Antonio Carlos (contra os desejos de tal Sr., e de mais alguem) faz a corte á homens de côr; não sendo possivel fazel-a á classe em geral, segue-se, que só á huma parte se dirige o Exm. Sr. Antonio Carlos; ora, essa parte, em que o Sr. deputado figura o todo, deve ser, segundo o

orgulho, de que os desaffectedos á illustre familia Andrada a revestem, de homens de côr d'algun merito, e talvez de alguns d'aquelles á quem S. S. *tambem haja feito a corte* (mas por ironia, porque não queremos suppor falsidade nem impostura em S. S.); ora, que mal proviria de fazer-se a corte á homens, cujos talentos, instrucção, e honra estivessem ácima de S. S.? Regurgitam por ventura os homens de côr de todo o imperio, por crimes horroresos; por delapidações de rendas, e arrombamentos dos cofres publicos; por esses horrendos assassinatos, como os da gavia, caqueirada, ou como os do Maranhão, Ceará, Goyaz e outros; por estupros e parricidios, como os, de que nossos Jurys se tem occupado; por emissão de falsas moedas, ou falsificação das legitimas? São elles por ventura os chefes d'esse trafico infame de carne humana, com manifesta violação de tratados e leis respectivas? São os homens de côr os que enchem os mapas estatisticos dos criminosos? Não mostram esses documentos ao mundo inteiro, que na somma dos réos, a menor parte he a dos homens de côr, e que, quando ahi apparecem são sempre *co-réos*, e sempre aquelles que se não pode tomar como a parte mais illustrada da classe? Em face de todas estas verdades, e de innumeradas outras, que ora não apresentamos por não ser nossa intenção offender classe alguma, mas tão somente repellir com a dignidade de quem tem em boa estima o seu merecimento, e o merecimento dos que sabem, dando-se á respeito, respeitar igualmente o merito, onde quer que elle appareça, a afronta, que, feita por S. S., foi logo, e tem sido desde então extranhada por aquelles, *que não lavam, como S. S., a sua roupa suja á vista do publico....* Para que, interrogamos nós, insullar deste modo a desconfiança na maioria da população,

introduzindo no coração dos homens, ou polidos, e por tanto zelosos da sua dignidade e de sua honra, ou ignorantes, e por consequencia imprudentes e arrojados? Não he á humma parte dessa classe mesmo, que o Sr. deputado hoje pretende aviltar, e á qual *se faz grande corte* nas epochas das eleições, á quem S. S. deve o ser representante da terra de que he filho? Não foram immensos homens de côr, os que se apresentaram mais animados nos centros dos partidos, na effervescencia das paixões *caramurás*, e *exaltadas*, sustentando, já o eleitorado, já a candidatura de S. S. para a representação nacional, desculpando mil vezes a sua bem conhecida fraqueza physica e moralmente fallando? He assim que S. S. paga serviços que lhe foram feitos; mas que nunca mais os terá? Sim, nunca mais! Nunca deslembrados dessas palavras, soltadas em silencio, mas bem percebidas e frizantes, os brasileiros devem repetir humma e mil vezes nos ensejos das eleições: — eis ali
 • o homem, que, eleito em virtude da
 • constituição, representante de sua
 • patria, detesta por vão e mal entendido capricho hum de seus principaes artigos! • Estas vozes produzirão hum effeito magico, e o Brasil, cuja liberdade ja não pode retrogradar, verá tambem por outro occupado o vasio que S. S. será obrigado a deixar no Augusto recinto....

He sempre com o coração pejado de dôr, por terriveis factos desta natureza, que tomamos a penna, não para defender classe, mas para sustentar a lei fundamental do imperio. Desculpavel seria, se hum Portuguez soltasse, de modo que ouvidas fossem, essas expressões offensivas da classe dos homens de côr, onde se conta hoje hum sem numero de pessoas respeitaveis por seu saber, por suas fortunas, por suas intimas relações de parentesco; e que *por jamais violarem a fê d'aquelles de quem se constituem*

amigos, e das instituições sociaes, tem igualmente hum sem numero de respeitaveis e sinceros defensores na classe á que S. S. diz pertencer, mesmo brasileiros, mesmo portuguezes, que são os que, em taes conjuncturas, menos guerreiam aos homens de côr, e antes os preferem, e mil vezes os acatam e lhes prestam inteira confiança!...

Não he porem, o Sr. deputado, com o seo dizer — *está louco* — e outros que imprudentemente pensam como S. S., sem olharem talvez para si, para as fontes de onde tem emanado seo sangue, e para os canaes por onde os fazem correr, os que hão de destruir com seos apodós, e demonstrações de desfavore de odio, a reputação de hum Velho, respeitado em sua Patria pela gente grada e sensacta, e mais ainda pela illustração estrangeira! Não hade ser por *fazer a corte aos homens de côr*, que o Srs. *Andradas* deixarão de ser admirados, como sempre hão sido, por mais amestrados campeões da constituição, e da monarchia. Ora são accusados de orgulhosos e soberbos; ora são tachados de levianos e condescendentes! Entretanto seos nomes e seos serviços ganham de dia em dia a estima e a veneração de sua patria; seos talentos, saber, e suas virtudes se elevam á superior esphera; e seos mesquinhos detractores no terreno esteril em que ficam immoveis, apenas lhes he dado erguer com algum custo a fronte para os admirar em sua elevação!

Nós podiamos de huma vez rasgar a mascara com que esse Sr. deputado ainda vai continuar a viver encoberto; mas tome-se isto como huma generosidade da nossa parte, pois que nossa intenção não he tornar S. S. execravel aos olhos do vulgo; mas unicamente lançar-lhe em face, com a constituição em punho, e de modo que só S. S. entenda, o seo reprehensivel procedimento, para que d'hoje á vante recordando-se dos homens que tinha em torno de si,

e sem poder talvez attingir, d'onde se lhe dispara a setta, seja para o futuro mais acutelado, mais brasileiro, mais amigo da igualdade, mais conhecedor da missão que lhe cumpre desempenhar em fé do seo juramento; e em huma palavra para que não julgue que nas classes de que a nação se compõe não ha homens, que sustentem homens, politicos que defendam puliticos, e amigos que por amigos saibam quebrar huma lança enristada em sua defeza. Nós só declararemos o nome de S. S. si á isso formos compellido; tal he nossa generosidade; tal he a nobreza de nossos sentimentos.

ENIGMA RESOLVIDO.

— Qual he a Nação mais feliz, e que melhor figura pode fazer entre outras? a que he mais rica, e que tem hum governo forte (dizem os Despotas)! A que he mais livre, que tem boas leis, e cujos Cidadãos podem exprimir os seos pensamentos com toda a liberdade (dizem os perversos)! Os primeiros mentem; e os segundos, errão crassamente, porque isso esteve, está e estará rezervado para aquella, cuja desmoralisação publica estiver sempre na razão inversa de sua administração, e do character nacional!

— Ja houve povo que bem perto dos horrores da guerra civil, correndo á Representação Nacional, ouvisse nella (ou nas suas tribunas) as cordiaes denuncias ou confissão publica dos remorsos de seos delegados: e que em vez de voltar remediado, tranquilamente o deixassem entregar-se á descripção de suas massas? Não (dizem os tolos), porque não he possivel abusar-se dello. Nem pode haver (acrescentao os velhacos), porque nesse caso elle he soberano, e ai do governo, ai da ordem publica, e ai da prosperidade nacional!.. Pois mentem. Ha, he o fluminense!...

— Se nenhum governo se sustenta, sem que a moralidade de seu povo seja inatacavel; porque capricham elles em abuzar da força, do arbitrio, e do dinheiro que sabem pedir? Porque contão com a falta daquella; nos que lhe dão estas ultimas ninharias!...

— No numero seguinte publicaremos a carta do Sr. G. N. residente em Villa Nova, que se queixa de estar destacado nesta Côrte desde de 22 de Maio; e bem assim os diversos apontamentos e informações que nos tem vindo á mão de outros Guardas Lavradores, que aqui se acham ha quatro e seis mezes. Não esqueceremos tambem os de Cabo-Frio, cujo destacamento tendo findado no dia 21 de Agosto, ainda não foi rendido, apesar de dizer o Sr. Commandante em sua defeza, que os destacamentos se rendem *quando lhes compete*, sem se lembrar talvez S. S., que o tempo *que lhes compete*, isto he, o *determinado por lei*, são — *dois mezes*. Procuraremos não offender pessoa alguma; mas lamentaremos o modo por que se ensina o povo a tornar irrisorias todas as leis, e medidas legislativas, que não são tendentes a *receber dinheiro!*

— Consta, que os Srs. honrados e philantropicos vereadores estão de accordo a darem demissão, cazo o Sr. Menezes volte ao seio da camara. Hade ser huma farça curiosa! O enredo he interessante; os actores são da primeira ordem; o desfeiche deve ser muito applaudido: Bravo! bravo!

— P. D'onde provirá a protecção tão decidida que o Sr. Vianna dá ao Mello, respeitador do laço Brasileiros?

R. Os Anginhos que respondam.

— Dizem que o Mellado mestre das *carroças de vapor*, que dá cada huma, por mez, mil (e mais) carroçadas de aterro para o mangue da cidade nova, vai pedir ao papá presidente hum *brevel d'invention* por aquella optima desco-

berta, que elle chama — machina de escavação do cofre municipal. E consta que o papá vai para isso mandar convocar sessão especial. *Oh, mon Dieu, quel amitié!..*

— Certo individuo *coxo*, querendo embaçar a hum *patricio* não menos *experto* que elle; fez que este segundo frustando-lhe o trama, e mostrando-lhe a *calva*, lhe dicesse: — Meo amigo, para hum *coxo*, hum *carêca!* Deram-se as mãos, e fizeram *causa commun*.

— Dizendo o §. 4.º do Art. 2.º das instruccões theatraes, que he prohibido *recitar de cór* peça alguma sem que o Juiz lhe ponha o *visto*; pergunta-se: — quando algum dos nossos Poetas quizer improvisar no theatro, em que parte do corpo se lhe porá o — *visto?* —

Dizendo tambem o §. 3.º que *he permitido* dar *bravo*, *caput*, *fôra &*, como se diz que nesse mesmo caso o juiz poderá impor silencio? Pois concede-se e nega-se ao mesmo tempo? São erros de redacção.

Dizendo mais o Art. 3.º que não se porá em scena espectáculo diverso do que se tiver annuciado, *permitti-se* todavia a *satisfação* ao publico. Ora, estamos na mesma! Teremos *farol* todas as noites.

— Bate-nos á porta o dia 7 de Setembro! Ha espectáculo em grande galla; vão SS. MM. assistil-o: haverão Senhoras, que se apresentem com chapeos? Hade ser muito bonito!!

BIXOS RAROS.

Lá no Largo do Machado
Levantou-se uma barraca,
Onde a gente via a onça
Dando só meia pataca.

Hoje, porem, quem quer ver
O famoso *Boi d'Argel*,
Dá doze mil reis de entrada
Ao Secretario no Hotel.